

**16** O UniCeb/BRB, de Deryk (foto), estreia na Liga das Américas com o objetivo de se tornar a quarta equipe brasileira no quadrangular final.



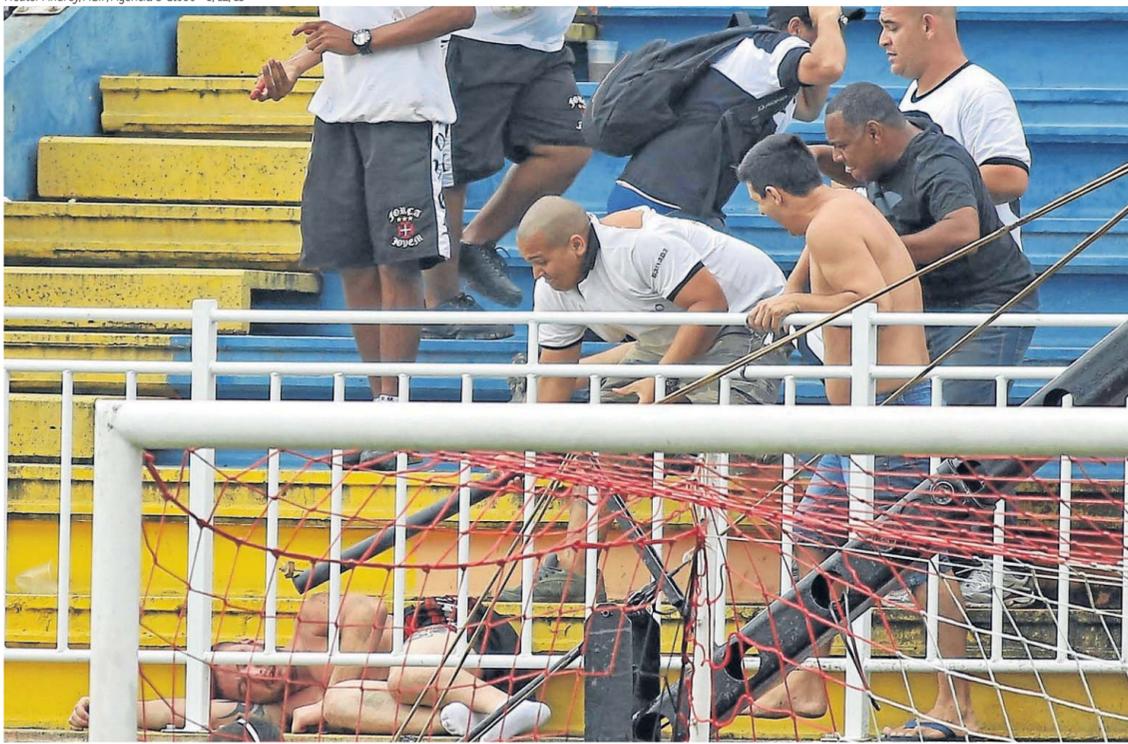
Carlos Vieira/CB/D.A Press - 9/10/15

**VIOLÊNCIA NO FUTEBOL** Pesquisa obtida com exclusividade pelo Correio mostra que o número de mortes em decorrência de brigas de torcedores diminuiu de 2014 para 2015, mas a crueldade das agressões aumentou

# Brutalidade organizada

CAMILA CURADO  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Heuler Andrey/AGIF/Agência O Globo - 8/12/13



**Nos confrontos entre torcedores têm se destacado o sadismo e o planejamento das agressões: para pesquisador, crimes continuam devido à impunidade**

A gravidade das ocorrências ligadas a homicídios em estádios de futebol do Brasil aumentou em 2015. É o que mostra o estudo do sociólogo Maurício Murad, especializado em violência no futebol, que o *Correio* publica com exclusividade. Na visão do pesquisador, o fato de o número de mortes ter diminuído de 2014 para 2015 — caiu de 18 para 15 confirmados — não é, necessariamente, animador: “É uma redução estatisticamente desprezível. Ela, de fato, não demonstra nenhum planejamento de combate à violência mais expressiva, e sim uma questão ocasional”, avalia.

Nesse último levantamento, a brutalidade das agressões preocupou mais que os números. Murad afirma que, pela primeira vez, houve tentativa de homicídio em brigas de torcidas envolvendo carros. “Aumentam o sadismo, a crueldade e mostra como as mortes foram planejadas. Com isso, há uma tendência de aumentar o número de vítimas”, projeta. Para ele, essa “sophisticada da violência”, com o uso de atropelamento nos confrontos, por exemplo, se assemelha a atos terroristas, nos quais há uma intenção premeditada de atingir um coletivo indefeso. E pode vitimar mais do que arma de fogo ou branca.

A pesquisa mostra outra novidade: a maior presença de mulheres nas estatísticas. Apesar de representarem um dos 18 óbitos de 2015, houve aumento de

agressões a esse público. De acordo com Murad, essa é uma consequência da participação feminina mais ativa em torcidas organizadas, nas quais elas representam 15%. O pesquisador explica que, antes de 2015, a vitimização da mulher em situações de violência no futebol ocorria aleato-

riamente. Agora, passa a ser um dado relevante: “São elas que entram em estádios com pacote de cocaína. Muitas delas não são revistas, porque o futebol é um ambiente machista”, explica.

Com relação ao perfil das vítimas, as alterações se mostraram poucas. A principal delas foi a

ampliação da faixa etária. Antes, ficava restrita a jovens de 15 a 24 anos e agora chega aos 33. “O que mostra que tem gente de mais idade entrando nessas facções”, diz Murad. Segundo a pesquisa, os números de mortes ainda se concentram em classes mais baixas e com escolaridade até o

ensino fundamental, mas a estatística alcança todas as faixas sociais, renda e níveis de formação, inclusive mestres e doutores. O pesquisador ressalta que, embora os confrontos sejam provocados por torcidas organizadas, metade dos mortos são inocentes: até 2013, eles eram a maioria.

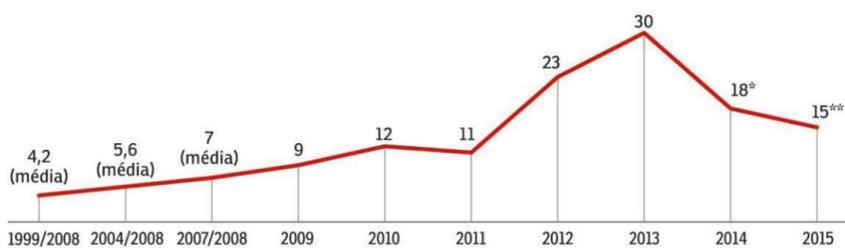
Murad lembra o embate entre torcedores do Atlético-PR e do Vasco na Arena Joinville, em dezembro de 2013, que deixou quatro feridos. A selvageria das agressões teve um agravante: a transmissão ao vivo da briga. O episódio chamou a atenção do país e mobilizou autoridades, mas o sociólogo reclama que, mais uma vez, as atitudes não passaram de promessas: “O governo convocou nove ministérios e estabeleceram nove medidas. Somente uma foi implementada, e parcialmente: o cadastro de torcedores. E ele não resolve”.

Por sinal, uma batalha transmitida ao vivo em 20 de agosto de 1995 acabou marcando a memória popular esportiva. O mais cruel relato de violência no futebol aconteceu na Supercopa São Paulo de juniores, no Pacaembu, quando 101 pessoas terminaram feridas e Márcio Gasparin da Silva foi morto. Os números e as imagens não se mostraram suficientes para extinguir aquela realidade. “Foram duas décadas perdidas. Digo lamentando: de lá até hoje, não houve por parte das autoridades brasileiras um planejamento para colocar esses vândalos sob o controle da lei”, comenta Murad.

Para Murad, há fatores preponderantes para que o quadro de violência na modalidade não tenha mudado em décadas. “Três personagens estão sempre presentes nos últimos 20 anos: violência, facções de vândalos infiltrados nas torcidas organizadas e impunidade por total inoperância das forças de segurança pública, as autoridades brasileiras”, ressalta.

## A barbárie em números

Dados coletados entre 1999 e 2008 permitiram calcular a média de mortes ocorridas na década: 4,2 por ano. Os pesquisadores, então, diminuíram o intervalo para o último quinquênio, de 2004 a 2008, e descobriram que o número de vítimas aumentou. Na contagem dos últimos dois anos desse período, de 2007 a 2008, comprovou o crescimento: sete óbitos por ano. De 2009 em diante, o levantamento passou a coletar os dados anualmente.



\*O número pode chegar a 24, pois há seis casos em investigação

\*\*O número pode chegar a 17, pois há dois casos em investigação

## A temporada já começou com confrontos

Em janeiro deste ano, foram quatro brigas entre torcidas em um período em que o calendário do esporte é escasso: conta com a Copa São Paulo de Futebol Júnior e a primeira rodada da maior parte dos campeonatos estaduais. A primeira, registrada na Copinha, acabou sendo conduzida pela torcida do tricolor paulista. Resultado: 15 feridos, entre civis e policiais. Na segunda, fãs do Vila Nova-GO confrontaram os rivais do Goiás um dia antes da partida e deixaram um jovem ferido. No dia do jogo, em um Serra

Dourada sem a torcida visitante, espectadores do Vila se desentenderam. Na mesma data, em Brasília, torcedores do Brasiliense causaram confusão e depredaram o metrô. Em nenhum dos casos houve punição direta aos envolvidos.

“Esse cenário do início do ano é perigoso e merece extrema atenção, principalmente em um ano com maior desemprego e aumento do custo de vida”, argumenta Maurício Murad, sociólogo, especialista sobre violência no futebol. A pesquisa conduzida por ele

começou a ser feita em 1990. Em 2009, o especialista publicava os primeiros números estatísticos sobre o assunto. Três anos depois, o Brasil deixou a Itália e a Argentina para trás e passava a ocupar a primeira colocação no ranking dos países mais violentos no esporte.

“Mais do que um dado estatístico, a violência no futebol expressa as características culturais e sociais das violências gerais no Brasil”, explica o sociólogo. Se depender da situação atual do país, esse quadro está longe de mudar.

## CLÁSSICO NO MANÉ

# Fla-Flu de R\$ 1,5 mi vai ser em Brasília

MARCOS PAULO LIMA

Dois empresas se uniram para vencer o leilão que arrematou por R\$ 1,5 milhão o leilão que confirmou para o Mané Garrincha o Fla-Flu do próximo dia 21, às 19h30, pela quinta rodada do

Campeonato Carioca. A confirmação do clássico mais charmoso do país em Brasília foi antecipada ontem no site do *Correio Braziliense*.

A reportagem apurou um outro detalhe do contrato. Se a venda de ingressos ultrapassar a marca

de 50 mil, os dois clubes terão direito a um bônus variável entre R\$ 5 e R\$ 10 por ticket comercializado. O recorde do estádio em jogos entre clubes é de 67.011, na vitória do Coritiba sobre o Flamengo por 2 x 0, no ano passado. À época, o jogo foi promovido pela empresa do ex-jogador Roni. Ele revela que entrou no leilão pelo Fla-Flu, mas desistiu. “Eu não quis. Muito caro”, limitou-se a dizer o empresário. O Flu é o mandante, mas a cota será de 50% para cada time.

Com o Maracanã e o Engenhão

fechados para as adaptações aos Jogos Olímpicos do Rio-2016, o presidente da Federação de Futebol do Estado do Rio (Ferj), Rubens Lopes, e o diretor de Competições da entidade, Marcelo Vianna, autorizaram a realização de alguns clássicos fora do estado. O Botafogo receberá o Fluminense em Cariacica (ES). O único que se nega a mandar dérbi fora do Rio é o Vasco, que vai receber o Fla em São Januário.

Gerente do Mané Garrincha, a Secretaria de Desenvolvimento

Econômico e Turismo também entrou na briga com Cuiabá e Manaus a fim de atrair o clássico para Brasília. As arenas Pantanal e Cuiabá chegaram a oferecer 0% pela taxa de ocupação dos seus estádios. Em meio à “guerra fiscal”, o GDF não abriu mão da taxa de utilização do Mané. “Não trabalhamos com 0%. Nós pedimos uma série de documentos aos clubes e há possibilidade de a taxa ser reduzida”, disse ao *Correio* o subsecretário Jaime Recena. Na derrota por 2 x 0 para o Coritiba

diante de 67.011 pagantes, o Flamengo pagou 6,7% pela taxa de ocupação do estádio.

O Fla-Flu vai ser disputado no DF pela quinta vez — a primeira valendo pelo Carioca. Os dois clubes duelaram em torneios amistosos em 1974 e 1997; e no Torneio Rio-São Paulo, em 1998. Além do duelo entre os camisas 9 Fred e Guerrero, o clássico terá como atração a estreia do novo uniforme do Flu, confeccionado pela empresa canadense Dry World, substituída da alemã Adidas.